

“A paisagem da baía penetra nos meus olhos. A sul, o monte Chokai parece que sustem o céu e as suas sombras reflectem-se na água; a oeste, o caminho prologa-se até à passagem de Muyamuya; a leste, vê-se um canal e, ao longe, o caminho que conduz a Akita; ao norte, o mar. O lugar batido pelas ondas chama-se Shiogoshi. É, simultâneamente, parecido e distinto de Matsushima. Esta parece que ri e Kisagata que franze o cenho. À grande tranquilidade une-se a melancolia e a quietude da paisagem pesa na alma.”¹

Matsuo Bashô

Em 1689, Bashô, já poeta reconhecido, enceta a viagem que origina um breve (enorme) diário, de um percurso pelo Japão, de Edo a Ogaki, percorrendo 2500 quilômetros em dois anos e meio.

O trecho que cito é uma nota de diálogo com a leitura prévia do texto introdutório de Bernardo Pinto de Almeida, comissário da exposição/projecto “A linha do horizonte. O motivo da paisagem na arte portuguesa contemporânea.”

Vou a Oriente, nas palavras a 360 graus, buscar o recurso da projecção objectiva – *a paisagem que penetra nos olhos*; do ensaio interpretativo – *o monte Chokai parece que sustem o céu*; do exercício subjectivo e animista – *Kisagata (um lugar) franze o cenho*; da afirmação romântica – *à grande tranquilidade une-se a melancolia e a quietude da paisagem pesa na alma*.

Falo deste objecto semântico setecentista remetendo para os ocidentais conflitos e perspectivas dos autores representados no projecto/exposição deste catálogo/livro.

Esta referência evoca, também, a Real Viagem atlântica que chega à cidade do Rio de Janeiro em 1808. D. João VI e a sua Corte, só podemos tentar adivinhar o que os reais olhos encontraram quando a paisagem os penetrou, qual o peso nas almas neste momento decisivo da História portuguesa. Ao transportar nesta viagem o centro do Poder para um outro lado do Mar, a paisagem da chegada passa também a ser o olhar reverso – uma Lisboa, um Portugal à distância de um oceano.

Comemorar os 200 anos da chegada da Corte ao Brasil, celebração na qual esta iniciativa se integra, procura, também, uma densificação do Presente, pelo trabalho sobre o mar que nos separa, ou, como quer Agostinho da Silva, que nos liga.

A preocupação do labor artístico nos autores escolhidos por Bernardo Pinto de Almeida não recai sobre esta matéria. Aliás, a reflexão sobre os impactos deste momento histórico, apesar de ser referencial para historiadores, militares ou estudiosos da ciência política, não é matéria icónica para as Artes (apesar dos documentos ilustrativos da chegada da Corte, da sua presença, apesar da subsequente chegada de artistas, escritores, cientistas).

Assim, “O motivo da paisagem na arte portuguesa contemporânea” é um exercício importante para referenciar a actividade desenvolvida em Portugal sobre este tópico

¹ In “O caminho estreito para o longínquo norte”, Matsuo Bashô (1644/1694); tradução de Jorge de Sousa Braga a partir de versão espanhola de octávio Paz, versão inglesa de Nobuyuki Yuasa e de versão francesa de René Siffert; ed. Fenda, 1987.

depois da II Guerra Mundial. Indo, ainda, buscar matéria às dinâmicas modernistas, vai-se até aos mais recentes nomes da cena artística, numa viagem que corresponde a um duplo contributo: uma presença actual da arte portuguesa no Brasil do século XXI e um documento que poderá tornar-se referência.

A Direcção Geral das Artes do Ministério da Cultura ao assumir o desenvolvimento, produção e apresentação deste projecto, procurou dar o seu contributo, ao lado de outros que temos realizado, para a construção de um Presente nas relações culturais entre Portugal e o Brasil.

Termino com uma nota de Giorgio Agamben: “ Dado que não é substância, a imagem não tem uma realidade contínua, nem se pode dizer que se desloque através de um movimento local. É, sobretudo, gerada a cada instante, segundo o movimento ou a presença daquele que a contempla.”²

Somos viajantes, portadores do poder olhar, encontra-se paisagens que nascem e morrem com as pálpebras e as memórias.

O trabalho artístico é paradigmático da construção da viagem, produz objectos, eles próprios revelações ou segredos, revelações/segredos, presenças ou ausências, presenças/ausentes, segundo o reporte possível dos paradoxos de comunicação nos processos artísticos, que não temos nenhuma pretensão de resolver, mas, simplesmente, de apresentar.

Jorge Barreto Xavier
Julho de 2008

² In “Profanações”, Giorgio Agamben, ed. Cotovia, 2006.